OS DOIS MUNDOS

ILLUSTRAÇÃO

PARA PORTUGAL E BRAZIL

VOLUME I

DE AGOSTO DE 1877 A JULHO DE 1878

SEGUNDA EDIÇÃO

AGENTE NO BRAZIL
F. GONÇALVES DE QUEIROZ
RUA DA QUITANDA, 78
RIO DE JANEIRO

GERENTE EM PORTUGAL
DAVID CORAZZI
42, RUA DA ATALAYA
LISBOA

M DCCC LXXX

SUMMARIO

DO TEXTO E GRAVURAS

CONTIDOS N'ESTE VOLUME

NUMERO 1

TEXTO. — Correio de Paris, Guilhermino de Sá. — Julio Michelet, Anthero de Quental. — O Mineiro. — A Criadinha, Catulle Mendès. — Uma novella interessante. — Os homens extraordinarios, Barão de Roussado. — No banco d'Inglaterra. — O Judas, Ramalho Ortigão. — Palestras scientificas. — Os commandantes em chefe. — Cossacos do Don. — Revista bibliographica, João Tedeschi. — Variedades.

GRAVURAS. — Julio Michelet. — O mineiro. — Uma novella interessante. — Inscripções de trez por cento (No Banco d'Inglaterra). — O Judas de sabbado d'Alleluia. — Nicolau Nicolaievitch. — Abd-ul-Kerim. — Cossacos do Don atravessando o Danubio.

NUMERO 2

TEXTO. — Correio de Paris, Guilhermino de Sá. — Alexandre Herculano, Anthero de Quental. — Adolpho Thiers, Salomão Saragga. — O Vendedor de Coraes. — P. Paulo Rubens, Oliveira Martins. — A morte negra, Bento Mereno. — A fada azul, Léon Gozlan. — Guerra do Oriente. — Revista bibliographica, João Tedeschi. — Variedades.

GRAVURAS. — Alexandre Herculano. — Adolpho Thiers. — O vendedor de coraes. — Retrato de Rubens. — Retrato da segunda mulher de Rubens. — Bachi-Buzuks. — Bulgaros enforcados pelos turcos. — Apanhado com as mãos ensanguentadas.

NUMERO 3

TEXTO. — Correio de Paris, Guilhermino de Sá. — A imperatriz da Austria. — Alexandre Herculano, Oliveira Martins. — As plantas carnivoras. Um pic-nic na Russia. — Vidago, Julio Cesar Machado. — A carta do João-sito, Paulo Féval. — A fome na India. — A guerra do Oriente. — Revista bibliographica, João Tedeschi. — Variedades.

GRAVURAS. — A imperatriz da Austria. — Plantas carnivoras do jardim botanico de Kew, em Londres. — Um pic-nic na Russia. — O boticario da Idade-Media, — Abandonados. — O ultimo boi da manada. — Do lado dos Russos : uma familia bulgara esperando o resultado da batalha de Plevna. — Do lado dos Turcos : sentinellas noeturnas em Chipka.

NUMERO 4

TEXTO. — Correio de Paris, Guilhermino de Sá. — Lord Lytton. — Affonso V em França, Pinheiro Chagas. — A bolsa de Bruxellas. — Uma boa pinga. — O ferrador. — A vadia, Andersen. — A guerra de Oriente. — Barcos sobre o gelo. — O orangotango, Gomes Leal. — Revista bibliographica, João Tedeschi. — Variedades.

GRAVURAS. — Lord Lytton. — A bolsa de Bruxellas. — Uma boa pinga. O ferrador. — Do lado dos Turcos : um espião perante um conselho de guerra turco. — Do lado dos Russos : Armenios fugindo das aldeias do Caucaso para pedirem protecção aos Russos. — Barcos sobre o gelo no rio Hudson.

NUMERO 5

TEXTO. — Correio de Paris, Guilhermino de Sá. — A expedição africo-portugueza, Luciano Cordeiro. — Enterro d'Affonso d'Albuquerque, Bulhão Pato. — A vinda de França, Ramalho Ortigão. — Dolce far niente. — A taça envenenada. — Os jogadores de Xadrez, O'Gallighan. — Salvas. — Um conto de Ghetto, Leopoldo Kompert. — A cataracta do Sawkill. — Guerra do Oriente. — Revista bibliographica, João Tedeschi. — Variedades.

GRAVURAS. — Hermenegildo de Brito Capello. — Alexandre Alberto de Serpa Pinto. — Roberto Ivens. — Dolce far niente. — A taça envenenada. — Salvas. — A cataracta de Sawkill. — O Imperador da Russia.

NUMERO 6

TEXTO. — Correio de Paris, Guilhermino de Sá. — Victor Manuel, Mendes Leal. — Ruy Dias, Bulhão Pato. — O caminho do dever. — A gaveta dos segredos. — William Shakespeare, Guiomar Torrezão. — O aguaceiro. — Paulo Janqdard, L. Méry. — Roma, antiga e moderna. — A defeza da bandeira. — Revista bibliographica, João Tedeschi. — Variedades.

GRAVURAS. — Victor Manuel. — O caminho do dever. — A gaveta dos segredos. — O aguaceiro. — Uma machina de tracção passando debaixo do arco de Constantino. — A defeza da bandeira.

NUMERO 7

TEXTO. — Correio de Paris, Guilhermino de Sá. — Pio Nono. — Um concilio ecumenico. — Tentativa de viagem ao pólo norte. — D. Quixote,

JULIO CESAR MACHADO. — Perdido, sem esperança. — O enterro d'um cão, BENTO MORENO. — A mãe adoptiva, — O dobre dos tubarões, DUATIEFF — Aguas serenas. — Esperando em vão. — Revista bibliographica, JOÃO TEDESCHI. — Variedades.

GRAVURAS. — Pio Nono. — Um concilio ecumenico na cathedral de S. Pedro em Roma. — Tentativa de viagem ao pólo norte em balões. — Perdido, sem esperança. — A mãe adoptiva. — Aguas serenas. — Esperando em vão.

NUMERO 8

TEXTO. — Correio de Paris, GUILHERMINO DE SÁ. — Maria Stuart. — Uma senhora de respeito. — Ricardo Wagner. — Costumes portugezes : a sesta, FERNANDO CALDEIRA. — Leão XIII. — O assassino, CAMILLO DEBANS. — Elias, Achab e Isabel na vinha de Naboth. — O correio geral de Chicago. — Revista bibliographica, JOÃO TEDESCHI. — Variedades.

GRAVURAS. — Leitura da sentença de morte de Maria Stuart. — Uma senhora de respeito. — Ricardo Wagner. — Leão XIII. — Elias, Achab e Isabel na vinha de Naboth. — O correio geral de Chicago.

NUMERO 9

TEXTO. — Correio de Paris, GUILHERMINO DE SÁ. — A gata borralheira. — Um naufrago! — O principe de Bismarck. — O paquete, J. DA CAMARA. O alarma. — Costumes portuguezes : a vespera da festa, FERNANDO CALDEIRA. — O navio couraçado « Superb ». — Uma latada de maracujá. — A exposição de 1878. — Revista bibliographica, JOÃO TEDESCHI. — Variedades.

GRAVURAS. — A gata borralheira. — Um naufrago! — Bismarck. — O navio couraçado inglez « Superb ». — Uma latada de maracujá. — A exposição de 1878.

NUMERO 10

TEXTO. — Correio de Paris, GUILHERMINO DE SÁ. — Lord Russel. — Uma victima do caminho de ferro. — Fachada da secção portugueza. — O pavilhão do principe de Galles. — Historia d'un cão vadio, EMILIO ZOLA. — A romeira de arminho. — Um porteiro do papa. — Como as meninas. — A Condessa Lambertini. — O bazar oriental. — A viagem ao fim do mundo, X... — Revista bibliographica, JOÃO TEDESCHI. — Variedades.

GRAVURAS. — Lord Russel. — Fachada da secção portugueza, na Exposição Universal. — O pavilhão do principe de Galles. — A romeira de arminho. — Como as meninas. — A condessa Lambertini. — Bazar oriental.

NUMERO 11

TEXTO. — Correio de Paris, GUILHERMINO DE SÁ. — Exposição de Paris. — Affonso d'Albuquerque, BULHÃO PATO. — Casa de jantar do pavilhão do principe de Galles. — Um esculapio canino. — Lucy Wilson, X... — O congresso de Berlim. — Um lance d'olhos na carteira do correio. — Revista bibliographica, JOÃO TEDESCHI. — Variedades.

GRAVURAS. — O pavilhão suisso. — A porta japoneza. — O tonel monstro. — Casa de jantar do pavilhão do principe de Galles. — Um esculapio canino. — Embaixada franceza. — O Kaiserhof, hotel onde se alojou Lord Beaconsfield. — Embaixada da Russia. — Embaixada austriaca. — Embaixada ingleza. — Embaixada turca. — Palacio Real. — Entrada do Palacio Real. — Uma vista d'olhos na carteira do correio.

NUMERO 12

TEXTO. — Correio de Paris, GUILHERMINO DE SÁ. — Caça aos otarios. — Arnaldo de Brescia, LUIZ JARDIM. — Combate de feras. — A rez ferida. — Federigo, PROSPER MÉRIMÉE. — Os amantes. — Uma execução na China, W. — O pavilhão da cidade de Paris. — Vestibulo da secção franceza das Bellas-Artes. — Revista bibliographica, JOÃO TEDESCHI. — Variedades.

GRAVURAS. — Caça aos otarios nas regiões arcticas. — Combate de feras. — A rez ferida. — Os amantes. — O pavilhão da cidade de Paris na Exposição universal. — Vestibulo da secção franceza das Bellas-Artes.

Paris. — Typ. Ch. Unsinger, 83, rue du Bac.

OS DOIS MUNDOS

ILLUSTRAÇÃO PARA PORTUGAL E BRAZIL

AGENTE NO BRAZIL : FRANCISCO GONÇALVES DE QUEIROZ
Rua da Quitanda, 78, Rio de Janeiro.

GERENTE EM PORTUGAL : DAVID CORAZZI
42, rua da Atalaya, Lisboa.

Vol I° | PARIS, 31 D'AGOSTO DE 1877 | NUMERO 1

J. MICHELET

SUMMARIO

TEXTO

Correio de Paris. . . . . Guilherarino de Sá.
Julio Michelet. . . . . Anthero de Quental.
O Mineiro. . . . . .
A criadinha . . . . . Catulle Mendès.
Uma Novella interessante. . . . . .
Os homens extraordinarios . . . . . Barão de Roussado.
No Banco d'Inglaterra. . . . . .
O Judas . . . . . Ramalho Ortigão.
Palestras scientificas. . . . . .
Os commandantes em chefe. . . . . .
Cossacos do Don. . . . . .
Revista bibliographica. . . . . João Tedeschi.
Variedades. . . . . .

GRAVURAS

Julio Michelet. — O mineiro. — Uma novella interessante. — Inscripções de trez por cento (No Banco d'Inglaterra). — O Judas de sabbado d'Alleluia. — Nicolau Nicolaievitch. — Abd-ul-Kerim. — Cossacos do Don atravessando o Danubio.

CORREIO DE PARIS

—

N'esta minha primeira aos *Portuguezes* e *Brazileiros* não esperem que lhes dê conta de coisas mui notaveis passadas em Paris. Dizem as estatisticas que esta cidade tem perto de dois milhões de habitantes. Será verdade no inverno; mas no verão é uma cidade deserta. Dir-me-hão que ainda assim anda muita gente pelas ruas, que o transito das carruagens é extraordinario, que o movimento diario nas estações dos caminhos de ferro é de milhares e milhares de pessoas. Tudo isso será verdade, mas não é menos certo que quem tem muitos conhecimentos n'esta cidade, não lhe é possivel pôr a vista em cima d'um só que seja. Se por descuido, pois não póde ser por outra rasão, os procuramos em casa, responde-nos logo o porteiro : *Foi para Trouville*. Um outro : *Foi para os banhos*, ou antes para *as aguas* como elles dizem, est'outro para a Italia, outro para a Suissa, aquelle para um castello que tem na provincia; este, eu sei....., foi para qualquer lado, para casa d'um amigo no campo, para Vichy, para Luchon, para Ragatz, para Carlsbad, seja para onde fôr, o que é certo é que não está em Paris. Agora façam favor de me dizer, uma terra d'onde se ausentam os medicos, os escriptores, os artistas dramaticos, os industriaes, os banqueiros, os directores de theatro, os cantores, as bailarinas, os professores de todos os cursos, os pintores, os architectos, os advogados, os juizes, os conselheiros do tribunal de Contas (tambem por cá os ha e bem abdominaes), os d'Estado, os militares e até o Presidente da Republica, quem é que fica? As senhoras? Essas, as que não fôram para fóra no dia seguinte ao das grandes corridas do bosque de Bolonha, fingem que sairam de Paris, escondem-se : não sáem á rua, mas não estão em casa. Quem fica? Com franqueza ignoro. Esses taes milhares de pessoas que dizem apparecer nas ruas, nas carruagens, ou nas estações do caminho do ferro, devem ser entes fantasticos, sem existencia real na natureza. Eu pelo menos assim o creio. Pessoa que se préze não se atreve a apparecer em Paris passado o mez de junho.

∿∿∿ Houve porém uma excepção no principio d'este mez, e aconteceu em Paris o que prognosticava o propheta da Escriptura para Jerusalem. Os foragidos da Assyria e do Egypto reuniram-se por um momento. Com a differença que em vez de se reunirem para se prostrarem diante do Deus de Israel, vieram assistir á distribuição dos premios de virtude feita pelo presidente da Academia Franceza, o Sr. Alexandre Dumas filho. Ainda que esta sessão não seja exclusivamente dedicada á distribuição dos premios de virtude, mas tambem a outros d'historia, poesia, etc., comtudo o que a torna mais interessante é a distribuição dos premios dados á dedicação, ao sacrificio pelo proximo, á abnegação inteira e completa do homem para fazer bem ao seu similhante. São concorrentes todos os que cumprem o seu dever até ao excesso, pois a virtude não é outra coisa; mas quantos não ignoram que praticando assim o bem concorrem a um premio? É um concurso, é verdade, mas não são raros os que obteem o premio conferido pela Academia, ignorando até ao momento de o receberem que ella existia.

Teve o primeiro premio este anno uma mulher chamada Leocadia Lavarde, que tem dedicado a sua vida inteira á educação das crianças. Mas que crianças! Todos gostamos d'ellas e quanto mais agradaveis e meigas são, mais nós nos affeiçoamos a ellas. Leocadia Lavarde é exactamente o contrario. Gosta como nós de crianças seductoras; mas tem uma singular predilecção pelas que teem máos instinctos, pelas que são más ou viciosas. Considera-as como doentes que precisam dos nossos cuidados.

Quanto ás que são affectadas por certas doenças physicas que a caridade vulgar recusa tratar, essas adora-as. Á força de trabalho, e sem outro recurso mais do que o da sua agulha, conseguio esta heroina corrigir e educar centos de cianças. Desde 1855 para cá, auxiliada por duas senhoras caritativas, póde esta nobre alma curar moral e physicamente muitas, collocar umas, e casar outras sempre com recursos eventuaes e precarios. 675 crianças teem entrado em sua casa e a todas tem servido de mais do que de mãe, sempre com resultado.

Depois seguiram-se os outros prémios de virtude, e após estes os de historia, os de litteratura e o de poesia. Quem quizer fazer uma idéa de como as senhoras se vestem em França *nas grandes occasiões* não póde escolher melhor lugar do que a Academia. É este o verdadeiro recinto da *grande toilette*, sobretudo quando se tracta da recepção d'um novo académico. Então é que são esplendores. A chamada primeira sociedade de Paris, *o primeiro, o grande mundo*, empenha-se toda para ter um bilhete d'entrada e uma *toilette* digna da conjunctura. Dizem os emprezarios de theatros, quando põem uma peça nova em scena que não se pouparam a nenhum esforço nem sacrificio. Pois para este espectaculo é que as damas não se eximem a nenhum sacrificio nem esforço.

Acabadas estas scenas, pois são verdadeiras representações a distribuição dos prémios, a recepção dos novos académicos, e outras coisas d'igual jaez que se passam n'este theatro que se chama Academia Franceza, dispersa-se a turba, e não mais se ouve fallar d'ella até ao inverno. Se a coisa se passa no verão, como acontece com a distribuição dos prémios, ninguem mais vê essas senhoras em Paris. Nessa mesma tarde tudo sae da cidade. Nem uma só fica para contar o caso.

∿∿∿ Quem as quizer tornar a ver antes do inverno é ir *ás aguas*, nós dizemos aos banhos, thermaes ou do mar. Outras vão para o campo nos arredores da cidade, outras para os seus castellos ou propriedades na provincia. Ahi sim, ahi é que a gente se diverte quando é convidado para lá ir. Ha partidas de pesca, de caça, passeios nos lagos e rios; ha *flirtation*, como dizem os inglezes (nós dizemos namoro); ha representação theatral á noite, bailes de toda a sorte, concertos; emfim umas vezes umas coisas, outras vezes outras; mas a tal *flirtation* sempre, por mais pacata que seja a familia, e em qualquer caso.

∿∿∿ Nas casas em que ha theatrinho é de rigor, alem da representação executada por pessoas da casa e visitas, haver uma scena ou duas representada por um actor de nomeada. Uma vez um tal ministro da fazenda encarregou o seu secretario de propor a um actor celebre o ir á sua casa de campo representar quelquer coisa. O secretario veio convidar o actor fazendo-lhe brilhantes promessas.

O actor respondeu-lhe :

— Diga a Sua Excellencia que eu represento quasi todas as noites no Gymnasio e nunca n'outra qualquer parte.

— O ministro não lhe pede senão uma scena ou duas e offerece-lhe mil francos.

— Pois diga ao ministro que eu dou-lhe dois mil se quizer vir a minha casa cantar um couplet de Béranger.

∿∿∿ Uma vez Alexandre Dumas achava-se hospedado n'uma d'estas casas de campo. Nas visinhanças estava-se em grandes preparativos para se dar uma representação. Naturalmente, Alexandre Dumas foi convidado, tanto mais que a peça que representavam era d'elle. Deu a sua palavra que não só assistiria á peça, como até ao ensaio geral. O theatrinho era excellente, um verdadeiro theatro, escuro de dia, emfim um edificio feito de proposito. Chegado o momento do ensaio, Alexandre Dumas foi como tinha promettido, accompanhado com um amigo pertencente á familia da casa em que estava hospedado. O amigo foi para o palco onde estava toda a gente, e Dumas foi para a plateia onde ficou só.

No fim do primeiro acto o amigo foi ter com elle e perguntou-lhe que tal iam os actores. Dumas respondeu-lhe que assim, assim; mas que fazia muito calor. Tinha despido o casaco.

No fim do segundo acto tirou o collete.

No fim do terceiro descalçou as botas.

O amigo veio saber noticias. Ficou espantado de o ver n'aquelle estado.

— Homem, disse-lhe Alexandre Dumas, eu dei a minha palavra a esta boa gente, que assistia até ao fim, mas representam tão mal, que para resistir á tentação de me ir embora, tenho-me despido a pouco e pouco. Como não posso saír assim, fico e cumpro a minha palavra.

No quinto acto, provavelmente, estava em fraldas de camisa.

∿∿∿ Sem embargo do que dissemos no principio d'esta *epistola*, Paris é a cidade mais agradavel da Europa no verão. Vão-se os animaes, mas ficam os vegetaes. O arvoredo que orna as ruas, os *squares*, as avenidas, os boulevards, é esplendido. Sem contar as arvores dos jardins publicos, squares, nem parques, dentro dos seus muros, Paris, tem perto de duzentas mil arvores bem desenvolvidas. A camara municipal tem o maior cuidado com ellas, e não é sem justiça que se ufana das plantações que faz por toda a parte em que é possivel collocar um ou mais renques d'arvores. As que mais abundam em Paris são o altivo plátano de forma pyramidal e o formoso castanheiro da India de frondosa copa. Ha tambem por aqui e

por alli algumas d'outras especies como o olmeiro, a tilia, a acacia, etc.; mas estas em menor numero. Cada uma d'estas arvores é arrancada ja crescida d'entre as suas companheiras da floresta e trazida para a cidade n'um carro guarnecido com um apparelho especial de plantação. Então é disposta no seu logar com todo o carinho e cuidado, e depois tratada com todo o esmero. Collocam-lhe aos pés uma grade para evitar que seja pisada pelos transeuntes; as raizes são cercadas por tubos de metal para evitar que algum extravasamento de gaz as prejudique. Mas ai! toda esta solicitude, todos estes desvelos são muitas vezes inuteis. A pobre arvore apaixona-se, tem saudades das antigas companheiras, não se habitua á companhia das novas. Tem a nostalgia da floresta, onde o ar é livre e puro, não se póde acclimar ao ar da cidade que é mephitico e corrompido pela civilisação dos homens. Entristece, definha-se, pende a cabeça para a terra e morre.

Acontece ás arvores o que acontece ao homem, o ar da cidade não convem a todos.

GUILHERMINO DE SÁ.

JULIO MICHELET

—

Não cabe nas dimensões, nem quadra á indole d'esta publicação um estudo critico sobre Michelet, historiador e philosopho. Não tentamos pois aqui explicar o pensamento e aquilatar o alto valor scientifico e philosophico d'uma das obras litterarias mais vastas d'este seculo — aliás tão fecundo em obras vastas — uma das mais ricas de originalidade criadora, de intuição e profundeza, ao mesmo tempo que assombrosa de erudição renovadora e variadissima. Contentar-nos-hemos apenas com encarar (e ainda assim quasi de relance) pelo seu lado mais accessivel ao grande publico, pelo lado por assim dizer exterior, esta grande e sympathica personalidade litteraria.

Suppomos que o leitor conhece mais ou menos os dados principaes da biographia de Michelet. Não ignora, provavelmente, que nasceu de pais pobrissimos, n'um dos ultimos annos do século passado e em Paris, no meio do tumulto guerreiro e politico d'aquelle periodo agitadissimo. Como que a paixão e energia indomavel da epoca se reflectiram na predestinada criança, moldando-lhe a indole para as grandes luctas e os arrojados pensamentos. Quasi só, passando parte do dia entregue a trabalhos manuaes, o corajoso pequeno consagrava ao estudo quantas horas da noite podia furtar ao somno e conseguia adquirir d'este modo uma educação classica regular e sólida. Em 1824 encontramol-o já vantajosamente reputado no mundo litterario pela edição da *Sciencia Nova* de Vico e por aquelle seu admiravel livrinho, *Précis de l'histoire moderne*, onde alguma coisa fazia já presentir a originalidade genial do futuro historiador da França. Pouco depois, sentava-se como professor na cadeira de historia da Escola Normal Superior, illustrada por Lakanal e Daunou — joven professor quasi tão moço como os seus ouvintes.

Mas é em 1830, ao estrondo tragico do throno dos Bourbons, desabando no meio do enthusiasmo d'um mundo novo que surgia, que verdadeiramente desabrocha o pensamento de Michelet, que o seu genio toma posse da região onde devia dominar. Á grande luz dos *trez dias* heroicos de Julho, Michelet entrevê, como n'um relampago, a missão historica da França, sente-se penetrado como uma pythonisa pelo espirito renovador do século e adquire aquelle condão, que ninguem possuio como elle, o condão por excellencia do historiador, aquella especie de espirito prophetico retrospectivo, que faz sentir, comprehender, adivinhar o crer e viver intimo das idades idas e permitte reconstruil-as, quasi ressuscital-as. É então que começa a escrever a obra gigantesca da *Historia de França*, que devia proseguir, sem levantar mão, durante 43 annos, isto é, até á sua morte, absorvido o operario na obra e por ella consumido.

Durante este largo periodo a influencia de Michelet sobre o espirito de século não fez senão crescer: e todavia, o homem que assim dominava no mundo do pensamento era um homem pessoalmente quasi obscuro, vivendo retirado n'um bairro longinquo da grande capital, pobre, mal visto pelos poderosos do dia, sem posição politica, sem salão, sem *coterie* — um humilde, um monge, um santo! Vio-se este bello espectaculo: o imperio dos espiritos conquistado e mantido pelo puro espirito!

Ha só um momento em que Michelet toma parte activa nas luctas do dia: de 1844 a 48 move, em companhia de Quinet e de Miczkiewicz, o grande poeta da Polonia, aquella ardente cruzada contra o jesuitismo, contra a invasão surda e insensivel, mas tenacissima, da reacção ultramontana no terreno do Estado, da educação e da familia. Foi o primeiro grito de alarma, soltado em frente do grande inimigo do século, quando ainda encoberto e mascarado, parecia coisa pouca e insignificante. Os habeis politicos e os optimistas sorriram-se então da *phantasia exageradora* dos trez philosophos. São trez poetas! diziam. Que dizem hoje?

Pertencem a esse periodo de lucta os livros *Le Peuple, Les Jésuites* e *Du Prêtre, de la Femme et de la Famille*, essa maravilhosa analyse psychologica e historica da influencia do confissionario e da direcção espiritual na familia e no Estado. Publicado no meio das tempestades da controversia politica, traduzido em todas as lingoas da Europa, este livro forneceu o pretexto ao governo reaccionario, presidido por Guizot, para demittir Michelet da cadeira de professor de historia moderna no Collegio de França. Como se podessem tapar aquella bocca inspirada, tirando-lhe o pão de cada dia!

A Republica ephemera de 1848 reinstalou Michelet na sua cadeira de professor. Mas em 1851, depois do golpe de Estado, o honrado philosopho pedio espontaneamente a sua demissão, não querendo receber um salario da mão impia d'um governo, que escorria em sangue innocente aleivosamente derramado. Causava-lhe horror aquella aguia carniceira dos Napoleões!

O periodo que vai de 1851 a 74, data da sua morte, não foi o menos fecundo da vida de Michelet. É então que, ao mesmo tempo que conclue o grande monumento da Historia de França, deixa cair da penna inspirada, como a desdem, aquellas joias litterarias d'um lavor tão fino e tão raro, *L'Amour, L'Insecte, L'Oiseau, La Sorcière, Bible de l'Humanite Nos Fils*, tratando ora a historia dos homens, ora a da natureza, com o espirito d'um vidente e a erudição d'um sabio.

Não cabe aqui, já o dissemos, estudar uma por uma todas estas obras, algumas profundas outras formosissimas, criticando-as e separando as idéas fecundas e os resultados positivos de certas fantasias brilhantes, mas aventurosas, que por ventura n'ellas se encontrem. Baste-nos caracterisar, d'uma maneira geral, a *maneira* do grande historiador e philosopho, indicando aquillo que dá á sua obra e á sua personalidade litteraria uma physionomia tão particular, aquillo por que se distinguem entre todas.

Michelet possuio, como ninguem n'este século, o sentimento da *realidade viva*, da *verdade natural*, esse condão dos grandes poetas e dos grandes artistas, que lhes faz adivinhar, com uma intuição quasi infallivel como um instincto, o ser intimo de tudo quanto tem ou teve vida, na natureza e na humanidade. A larga e lucida sympathia do seu genio fazia-lhe descobrir, atravez das formas opacas, a energia interna na qual reside o segredo da actividade e originalidade dos seres capazes de acção propria. Como que sabia sair de si, para viver momentaneamente a vida dos outros seres e reproduzil-a depois inteira, palpitante, actual. A erudição e a sciencia não eram para elle um fim, mas um meio: o instrumento com que penetrar alem da realidade exterior e morta, até á realidade intima, a alma das coisas, dos homens, das idades historicas. Como Platão, procurava em tudo a *idéa*: mas essa idéa, em vez de ser abstracta, como a do philosopho grego, era concreta e activa, era a essencia mesma das coisas.

Foi com estes dons de poeta e vidente que Michelet escreveu a historia. Animar, ao calor d'uma imaginação inspirada e profunda, as idades idas, evocal-as em espirito e como que ressuscital-as, tal foi o condão originalissimo do seu genio. Elle mesmo, vendo na historia mais do que uma fria *narração* de factos, ou uma secca *analyse* de instituições, ousou definil-a *uma resurreição*.

Notem outros os inconvenientes d'este methodo, por assim dizer inspirado, e apontem com mão ciosa as lacunas do monumento litterario em que Michelet encerrou não só a sua intelligencia, mas a sua alma inteira. Nós diremos que foi só nos seus livros que chegámos a comprehender o que a historia offerece de mais difficil a comprehender-se: a significação, o pensamento, o sentir das idades primitivas, dos periodos legendarios, em que surgem obscuramente as grandes criações populares e espontaneas—os vastos movimentos das raças, que se chocam ou sobrepõem, as tradições, que se transmittem e degeneram em lendas, as crenças, que se trasformam, as instituições, que se degradam, revolucionam e renovam, as nacionalidades, que surgem como apparições á grande luz da historia, e as idéas, que se revelam á consciencia dos povos, no meio de tempestades seculares. É n'esta alta região, ao mesmo tempo poetica e philosophica, que triumpha o genio de Michelet. A prosa do historiador guinda-se então naturalmente ás alturas da epopeia: desdenhando os processos artificiaes da *cor local* e do *pittoresco*, attinge o bello e a verdade pelo movimento vivo, pela impressão quasi directa da realidade, como se fôra uma testemunha occular.

Sainte-Beuve caracterisou perfeitamente esta *maneira* tão original, e inimitavel como tudo quando é genial, quando disse de Michelet: « que tentára escrever a historia de França com uma successão de relampagos e conseguira o intento. » Ha, com effeito, no seu estylo, o que quer que é agitado, intermittente, cortado, como no estylo dos propheias, que, inflados pelo sopro dominador do Espirito, sáem a cada instante fóra dos moldes pautados do discurso regular. E Michelet era, de facto, propheta: propheta do passado; agitava-o um sopro de ardente inspiração: o Espirito da humanidade.

É por isso que abrangia facilmente, na sua vasta sympathia, tudo quanto é humano, superior ás riva-

TYPOS POPULARES DA INGLATERRA: O MINEIRO

UMA NOVELLA INTERESSANTE. — Copia do quadro de C. Cogin na Galleria de Dudley

lidades de raças, aos preconceitos nacionaes. Podia applicar a si o verso do comico romano :

Homo sum, nihil humanum a me alienum puto.

As raças opprimidas, as nações que luctam para conquistar a existencia historica, encontraram n'elle um interprete eloquente das suas reclamações, das suas dores, do seu pensamento menosprezado. Elle, que estudára na historia o genesis doloroso e obscuro das grandes nacionalidades modernas, comprehendia aquelles queixumes e aquellas imprecações, e clamava á Europa que o abandono egoista da Polonia, da Romania, da Bohemia equivalia a um fratricidio. *Légendes démocratiques du Nord et Pologne martyre* são livros que deram ao nome de Michelet n'aquelles paizes opprimidos, uma aureola de popularidade e amor, quasi tão brilhante como a dos heroes e martyres da patria.

Michelet pertence ao numero escolhido d'esses altos espiritos, que a França tem tido o privilegio de produzir em quasi todos os séculos — grandes escriptores francezes, pelo cunho de nacionalidade do pensamento e do estylo, e ao mesmo tempo mais do que escriptores francezes, escriptores europeus, universaes, pela largueza e generalidade dos conceitos, pela attitude propagandista e philosophica, sobre tudo pela sympathia facil e franca com que abrangem o lado humano e universal das idéas e dos acontecimentos. A Europa adopta-os, revendica-os como seus, e cada nação recebe docilmente a influencia e direcção d'esses mestres, que só se impõem pela sympathia.

O que succedeu com a Italia, com a Hungria, com a Romania, e até certo ponto com a Inglaterra e a propria Allemanha, succedeu tambem com Portugal. Michelet é um dos mestres de mais incontestada auctoridade para a geração nova; não ha uma unica intelligencia, dotada de certa elevação e cultura, entre os homens que não contam ainda 40 annos, que não recebesse, mais ou menos intensamente, o influxo d'aquella palavra eloquente e penetrante. Foi com elle que aprenderam o segredo d'aquelle espirito renovador da historia, ao mesmo tempo critico, philosophico e poetico, e que ás vezes com a luz do passado allumia tão profundamente o horizonte do futuro. Foi com elle que aprenderam a ver e amar na Natureza uma existencia espontanea, uma *vida* universal, e não uma successão de fórmas inertes, e na Humanidade, uma razão e uma consciencia collectivas, uma *alma*, e não um mecanismo ou uma abstracção. Foi com elle, finalmente, que aprenderam aquelle criterio supremo, em que se combinam a philosophia e a experiencia, e que consiste em marcar por limite ao espirito de systema, por mais logicamente deduzidas que sejam as formulas do systema, as affirmações espontaneas da consciencia moral.

Isto, enunciado, póde a alguns parecer pouco. Tenho para mim que é muitissimo. O tempo se encarregará de mostrar practicamente a fecundidade d'este ponto de vista. A verdadeira philosophia foi e será sempre um alto e largo eclectismo, em que os dados da razão pura se combinam com as affirmações do sentimento moral, limitando-se e corrigindo-se mutuamente. O espirito de systema póde brilhar na escola : mas na vida e na historia só triumpha definitivamente e faz obra fecunda o espirito practico e *humano*.

Tal é a lição que resulta conjunctamente da doutrina e da vida de Michelet. Os que chegaram a comprehendel-a sabem quanto ella vale e quanto reconhecimento devem á memoria d'aquelle que a deu, não só com a palavra, mas com o exemplo d'uma existencia nobre e pura até á santidade.

Aqui, n'esta grande capital da intelligencia, onde elle trabalhou e ensinou, um dos seus discipulos portuguezes folga de poder assignar esta pagina humilde, consagrada á memoria d'um dos primeiros e, porventura, o mais querido entre os mestres da nova geração.

ANTHERO DE QUENTAL.

Paris, 4 de agosto de 1877.

O MINEIRO

Antes de Horacio ter escripto as *Satyras*, e até mesmo muito antes de elle ter existido, já o homem se queixava da sua sorte, e invejava a do próximo. Aquelles que são empregados em officios no exercicio dos quaes o pão de cada dia não é adquirido litteralmente com o suor do rosto, e que n'esses trabalhos não são obrigados a arriscar a vida, devem levantar as mãos ao céo com agradecimento, se compararem a sua existencia á de muitos desgraçados. Pensem nos trabalhos e riscos com que o marinheiro tem de arrostar; nas mutilações e desastres a que os que trabalham com machinas estão arriscados; no pezo dos fardos que teem que arrastar ou trazer á cabeça os que se empregam nas construcções de edificios; no cuidado e vigilancia de que hão mister os que teem que passar a vida ao lado d'uma engrenagem, para não serem despedaçados por ella. O officio de mineiro deve ser considerado como mais desgraçado do que todos estes, porque todo aquelle que o exerce não só está sujeito a mil accidentes como tambem impossivel lhe é ter boa saude. Se trabalha em minas de mercurio, as exhalações do metal que extráe, arruina-lhe a constituição. Nas minas profundas vê-se obrigado a trabalhar com a picareta n'uma posição contrafeita, e a respirar uma atmosphera impregnada de gazes nocivos, que iguala em temperatura a das planicies de Bengala no verão; tendo alem d'isso de exercer o seu mister sem ver a luz do dia. Muitos d'elles, como durante o inverno descem á mina antes do nascer do sol e não voltam á superficie da terra senão depois do sol posto, não vêem a claridade do dia senão ao domingo, e vivem por assim dizer condemnados n'aquelle mundo subterraneo.

Cada tonnelada de carvão de pedra custa cara á humanidade! Segundo as estatisticas inglezas, de 1850 a 1860, conta-se em 10 annos 8,300 pessoas mortas nas minas d'Inglaterra, e 30,000 feridas; ou n'um só paiz, 1,000 mortos por anno nas minas de carvão, e 3,000 feridos.

A CRIADINHA

Muito pequena, enfezada, sardenta, esfarrapada, com uns olhos muito grandes, meigos e parvos, era ella quem levava ao palacio, no verão, os ovos frescos e o leite da quinta. Logo que entrava na cosinha dizia : « aqui está » e ficava á porta, de pé, á espera que lhe dissessem : « bem », olhando para os utensis da cosinha cujo cobre brilhava ao sol, e toda sobresaltada torcendo os dedos em cima do avental de riscado. O cosinheiro, todo vestido de branco e grave, parecia-lhe um personagem raro, quasi imaginario e distante, comquanto estivesse alli defronte d'ella. O pae travalhava na quinta e a mãe morrêra. Poucas pessoas sabiam que se chamava Germana; como a encontravam muitas vezes levando ao pasto os gansos, com a vara na mão, pelos atalhos orlados d'espinheiros, chamavam-lhe a Varella. Um dia, o padre prior, com o seu breviario debaixo do braço, passou por ao pé d'ella e com dois dedos deu-lhe uma pancadinha na face, dizendo-lhe : « hé! hé! » N'esta pancadinha e n'este « hé! hé! » resumia-se quasi toda a sua historia; não fazia senão contal-a a si mesma todos os dias, e com o maior interesse. Os gansos eram muito máos para ella, especialmente um, o maior. O que ella queria era ser pastora d'ovelhas, porque as ovelhas são mansas e póde a gente brincar com ellas. Mas era muito pequena ainda. Mais para diante talvez que o seu sonho se realisasse. Quando tivesse oito annos, lá para a pascoa.

Uma vez, o cosinheiro disse-lhe : « Ha cá gente de fóra para jantar. Fica para ajudares. » Isto já era outra coisa, já não era a pancadinha do padre prior! Ficou toda ufana; comprehendeu que decedidamente entrava na vida. Na copa, onde jantou, deram-lhe vinho a beber; era a primeira vez que bebia « agua tincta », como ella lhe chamava. Fez uma careta e pôz o copo em cima da meza; mas o cosinheiro que debaixo d'aquella apparencia solemne era muito folgasão, obrigou-a a beber duas ou trez vezes, para se divertir. Emborrachou-se. Fallava, fallava. Contava a sua historia com o padre prior; e que os gansos lhe mordiam as perninhas nuas até lhe fazerem sangue. Fizeram-na beber mais ainda. Ficou muito agoniada; teve que deitar-se na cosinha, em cima de duas cadeiras, deixando pendentes os braços esticados. « Que tola! » disse o cosinheiro. Estava enfiada e com o olhar fixo. Soffria e gemia, sem comprehender nada. Luciano, filho da baroneza, criança de dez annos, passou pela cosinha, e vendo para alli aquella pequena doente, beliscou-lhe um dos braços, enrugado e vermelho, a ponto de lhe fazer sangue. Deu um grito, e olhou. O menino trazia uma veste de veludo azul, com um grande cabeção de rendas, em cima do qual ondeavam os caracoes de cabellos louros. Ella sorrio-se, baixou a cabeça duas ou trez vezes como quem consentia, lembrou-se dos gansos que eram tão máos, mas que não eram tão bonitos, e arregaçando até ao hombro a manga esfarrapada, pôz-se a affagar, com prazer, a ferida do braço.

Tempos depois, a baroneza interessou-se por ella. Quando se decedio que a levavam para Paris como criada, ficou muito contente por causa de Luciano, e muito triste por causa dos gansos. Levou-os ao pasto, ainda uma vez, e esteve por lá horas. Fallava com elles. « Ora ahi teem, vou para Paris, e vocês não vão. » Sentou-se á borda da estrada, entre os espinhaes que a picavam, sem se importar com isso, a olhar para as terras lavradas, para os prados, para os trez alamos aprumados e agudos que ficavam ao meio da planicie, e, para o fundo, para o horizonte. Dizia adeus a tudo, inconscientemente. Foi beber a uma poça d'agua que havia atraz da cerca. Apanhou um ninho de rouxinhoes que estava debaixo d'um ramo, ninho que estava vasio, secco, do anno passado, e levou-o como lembrança. Depois amimou um a um todos os gansos, considerou que seria muito bonito um ganso que tivesse uma veste de veludo e um cabeção de rendas, e beijou no pescoço, com muita ternura, o maior d'estes animaes, o que tinha sido peor para ella.

Em Paris estava sempre no vão d'uma janella, ao pé da saleta, marcando lenços e remendando as rodilhas. Tinha aprendido a coser, mas não lhe tinham ensinado a ler. Ler para as pessoas da condição de Germana, não é salutar. A leitura leva a pensar, e quando se pensa não se concertam tão bem as camisas. Os criados não gostavam d'ella, porque era muito callada, obediente e dedicada á senhora. Nunca saia, á excepção dos domingos, para ir á missa. Parecia muito devota, sem saber porquê. Dizia todas as noites : « Padre nosso que estaes nos céos... » Não conhecia nada de Paris senão a rua que ficava defronte da janella; os que passavam pareciam-lhe personagens extraordinarios, d'uma especie a que ella não pertencia; as carruagens coisa

rara; admirava as pedras de rua. Já se tinham passado duas pascoas. Cosia. Conservava o mesmo olhar, estupido e meigo. Nunca uma alma se tinha achado tão só como a sua. Apezar d'isso não era triste. Via ás vezes o filho da casa, todo empertigado e bem vestido. Quando este ia ao quarto em que ella trabalhava sentada desde pela manhã até á noite, punha-se toda a tremer, sem levantar a cabeça, cosendo sempre, precipitando os pontos, picando os dedos. Um dia, de-repente, disse-lhe : « Vem brincar. » Pôz-se em pé, espantada, com a bocca aberta, como se assistisse a um milagre. O menino trazia n'esse dia uma veste de veludo preto bordada a oiro. Brincaram. Luciano escarranchou-se n'uma cadeira deitada no chão, e Germana fez de cavallo, puchando. Elle era já muito pesado, ella ainda bem fraquinha; e arfava, enlevada. Para a fazer andar mais depressa, dava-lhe murros nas costas. « Ó meu Deus! Ó meu Deus! » repetia ella toda arrebatada. Elle disse-lhe : « Um chicote é que eu queria; » ella correu á cosinha e trouxe uma chibata muito grossa que servia para sacudir a poeira do fato. Luciano servio-se d'ella. Era já muito forte. Elle batia, e ella corria dizendo : « Ah! menino! menino! » e chorava de alegria, magoada. Á noite, na cosinha, depois de ter jantado com os criados, sentada ainda á meza, fechou os olhos lentamente, sorrio, e ouviram-na dizer entre dentes : « Ai! como era bom! » o cosinheiro disse-lhe : « Golosa! »

Um dia, Luciano roubou da guarda-loiça uma garrata de vinho moscatel. Por essa occasião, Luciano fumava já o seu cigarro pelos cantos. Quando o interrogaram, respondeu : « Eu vi a Germana levar a garrafa. » Foste tu que roubaste a garrafa? » Luciano interrompeu : « Foi ella. » Germana disse : « Fui eu. » A baroneza deu-lhe uma bofetada. « É bem feito, » disse Luciano. « É, disse Germana, é bem feito. »

Passaram tempos. Ficou sempre magra e rachitica, muito baixinha. Feia? decerto. Tinha sardas pela cara toda, no nariz, na testa. Os olhos grandes, bons e vagos, pareciam olhos de ovelha. Trazia um vestido preto, apertado, que lhe caía direito dos hombros ao tornozelo; apenas o cós lhe marcava a cintura. Luciano era já homem. Uma noite disse-lhe : « A mamã não quer que eu leve a chave do portão. E então se eu bater, logo vêem que recolho tarde e ralham comigo. Ouve lá, não te deites, quando eu bater as palmas, vem abrir a porta sem fazeres bulha. » Era no inverno. Á vezes ficava até pela manhã, sem dormir, n'um quarto frio, á escuta do signal. Depois descia com um candieiro pequeno na mão. Era preciso atravessar o pateo da casa. Outras vezes estava tudo coberto de neve. Para não fazer bulha, não calçava os sapatos. Ia descalça, pela neve. O nordeste cortava-a, batia-lhe o queixo. Apanhou uma constipação que nunca mais a largou. Para abrir a porta tinha que levantar uma tranca grossa, transversal, que lhe gelava as mãos. Luciano dizia-lhe : « Ha que tempos que estou á espera; estou gelado. » Uma vez respondeu-lhe ella : « D'aqui em diante hei de esperar no pateo. » E assim fez. Fazia muito frio n'aquelle inverno.

Aconteceu que uma noite, Luciano, ao recolher, estava embriagado. Vinha de um baile de mascaras. Estava lindo com o seu fato verde e côr de rosa. « Ó! » disse Germana levantando o candieiro. Subiram juntos uma escada estreita, que havia na casa para serviço dos criados. Elle ia dando encontrões na parede, e cantarolando por entre os dentes este estribilho d'uma opereta que era então de moda : « *Passando, um dia de Abril, de Meudon no campo em flor...* » etc. Ella ouvia admirada. Elle tropeçou. Para se suster, teve que voltar a cabeça. Encarou com Germana. Estava bebado. Era uma mulher. Ora! agarrou-a pela cintura e beijou-a precipitadamente nos labios. Pôz-se toda a tremer, como uma ave que sacode as pennas, e caio desmaiada sobre os degráos, com o candieiro que se quebrou. » Vae-te para o diabo tola! » vociferou Luciano deitando a fugir, com medo que o ruido tivesse sobresaltado a casa.

Nunca mais trabalhou no vão da janella, ao pé da saleta. Pôz-se no costume de se sentar desde pela manhã n'um degráo da escada estreita do serviço dos criados, no mesmo sempre, e de coser alli. Os criados riam-se d'ella; não fazia caso. Tinha-se tornado singular. O que quer que era illuminava-lhe o olhar meigo, menos vago. Em quanto cosia, cantava durante horas inteiras, a meia voz, uma moda, sempre a mesma. « *Passando, um dia de Abril, de Meudon no campo em flor...* » Cantava isto umas vezes muito alegremente, muito depressa, outras muito lentamente, com uma languidez profunda, destacando as syllabas, prolongando as notas. Esta toada assim era d'uma tristeza infinda. « *Uma polaca gentil me disse : Perdão, senhor...* » e de repente, desatava a chorar. Sentia-se feliz.

Luciano tomou juizo. Trataram de o casar. A noiva era bonita, rica. Enamorou-se d'ella. « Casem-nos depressa, » disse elle. Casaram-no. Germana ficou ao serviço dos noivos; ella proprio pedio esse favor. No dia do casamento foi, desde pela manhã, para o aposento dos noivos. Andava d'um lado para o outro, corria, punha os trastes no seu lugar, arranjava as flôres nas jarras, sorria, dizia : « Isto aqui é muito bonito, » e nunca a tinham visto tão contente. Trazia um vestidinho de seda preta que lhe tinha dado a noiva. Não fazia senão repetir : « Senhor Luciano... senhor Luciano... muito feliz elle... muito feliz ella... » Á noite, pensou que n'aquelle momento, na boda, estavam a dançar, e pôz-se a dançar tambem, cantando em rhythmo de valsa : « *Passando, um dia de Abril...* » Por volta da meia noite, ajudou a noiva a despir-se. O quarto, com a sua armação de uma côr desmaiada, apenas allumiado, tinha um ar de mysterio e de encanto. « Como está bonita! » disse á noiva. Atiçou o lume, endireitou com todo o cuidado as duas almofadas do leito conjugal, beijou furtivamente a que estava do lado de fóra, e disse a Luciano que entrava : « Boas noites, senhor Luciano, » rindo-se.

Uma hora depois, saio de casa. Andava depressa, para a frente. Nas ruas, ninguem. Tinha chovido. No céo muito baixo, muito sombrio, appareciam aqui e alli rapidos clarões cheios d'estrellas; a luz dos candieiros resvalava pelos passeios humidos. Caminhava junto ás paredes. Ia muito alegre, cantando e andando. Andou assim por mais d'uma hora. Ouvio um grande ruido suave e uniforme, como o d'um rio que corre. Metteu-se pela Ponte-Nova. Parou no meio, olhou em torno de si, vio que estava só, e começou a fallar muito baixinho. O que ella dizia, era uma oração : « Padre nosso que estaes nos céos, sanctificado seja o vosso nome... » Interrompia ás vezes a oração para tornar a pegar na cantilena. Trepou o parapeito « *Passando, um dia de Abril...* » olhou para a agua, desatou o avental, tirou-lhe a fita « *de Meudon no campo em flor...* » enrolou o vestido em torno das perninhas magras, atou-o com a fita, como se tivesse medo que de baixo lh'as vissem, « *uma polaca gentil me disse : perdão, senhor... nosso pae que estaes nos céos... perdão... perdão...* » e desappareceu na agua que, n'aquelle sitio, reflectindo um clarão do céo, estava azul e estrellada.

CATULLE MENDÈS.

UMA NOVELLA INTERESSANTE

A nossa gravura é copia d'um quadro de C. Gogin exposto na galleria de Dudley em Inglaterra. O assumpto é simplicissimo e explica-se por si mesmo. Uma senhora, sem duvida mil vezes mais interessante do que o romance que está lendo, está de tal maneira absorvida por elle, que esquece tudo o que a rodeia. A attitude é elegante e natural, e os accessorios do quadro são introduzidos com tal arte que revelam um esmerado gosto.

OS HOMENS EXTRAORDINARIOS

Procuro um homem vulgar e não o encontro; Diogenes andava á busca d'um que fôsse extraordinario, naturalmente porque a vulgaridade não era rara então como nos nossos dias.

Quem ha ahi que seja commum? Quem é que se contenta hoje em dia com ser igual aos outros? Conhece o leitor algum d'esses infelizes? Alguem que não encontre em si o cunho da originalidade?

— Comigo ninguem se metta, não sou como os outros.

Isto diz-se a cada momento.

Ou então repete-se :

— Quem, eu? O amigo não me conhece.

Outro diz :

— Não, não, a mim não m'o faziam, elles bem sabem a quem se dirigem.

E sempre, e a cada momento pensa a gente que falla a uma pessoa igual ás demais, quando somos despertados por esta interjeição :

— Se Deus me fez assim! O molde em que me fundiram quebrou-se.

Todos somos extraordinarios, santo Deus! Todos nos achamos fóra da lei geral, movidos por uma força desconhecida, que nos colloca em posição especial.

* * *

— Esta só a mim m'acontece!

N'estas seis palavras que andam na bocca de toda a gente está consubstanciada a verdade do meu principio, que é o seguinte :

NÃO HA NADA MAIS RARO DO QUE UM HOMEM VULGAR.

Principio que parece um paradoxo á primeira vista, mas que os seculos se encarregarão de tornar axiomatico.

Não convido o leitor para irmos á Inglaterra porque cada inglez é por si um mundo de casos singulares.

Não fallarei dos heróes, porque d'esses já a historia assignalou a individualidade.

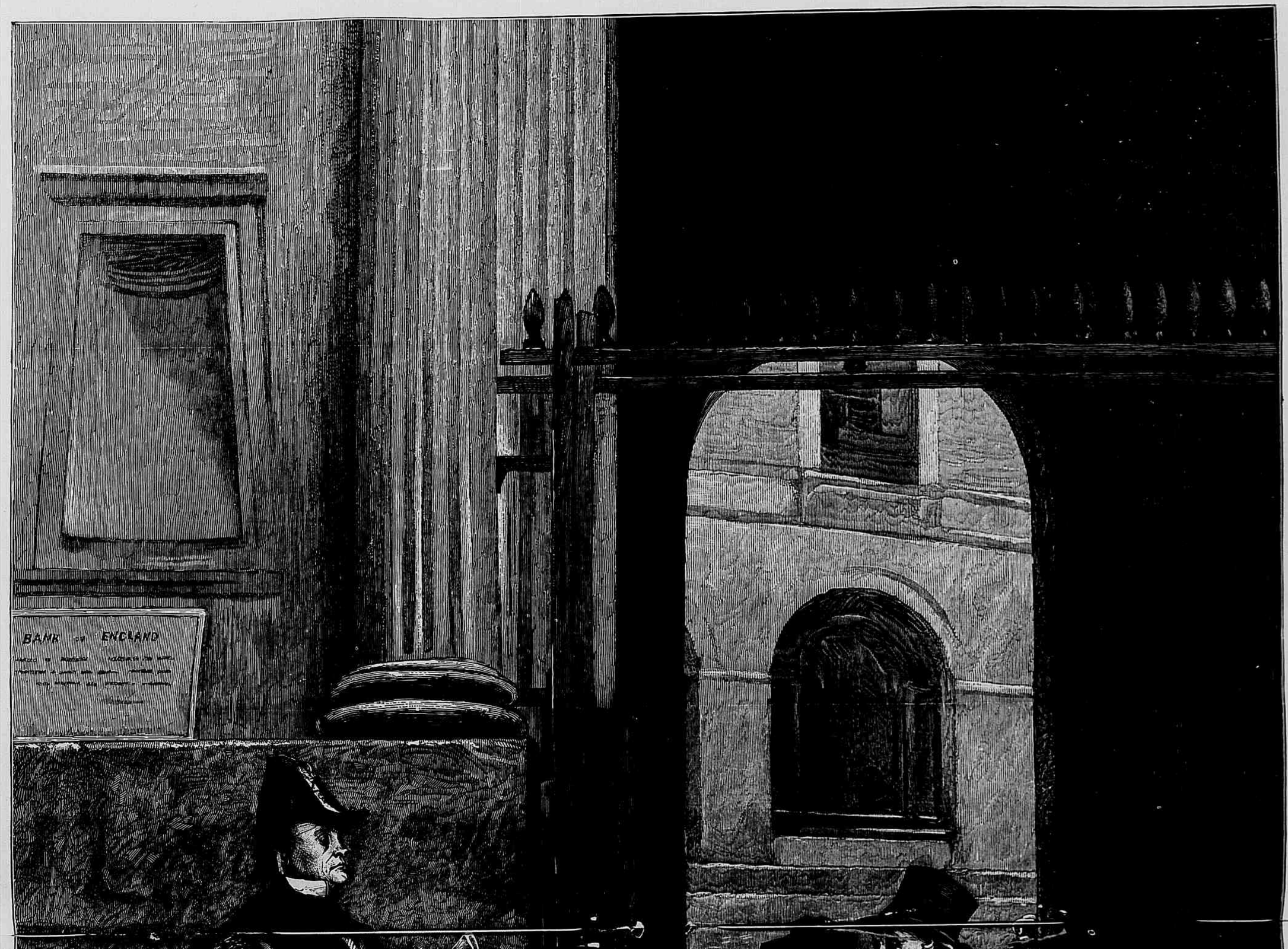
Desisto d'invocar a mulher; bem sabe o leitor que não ha uma só que não diga em certas occasiões :

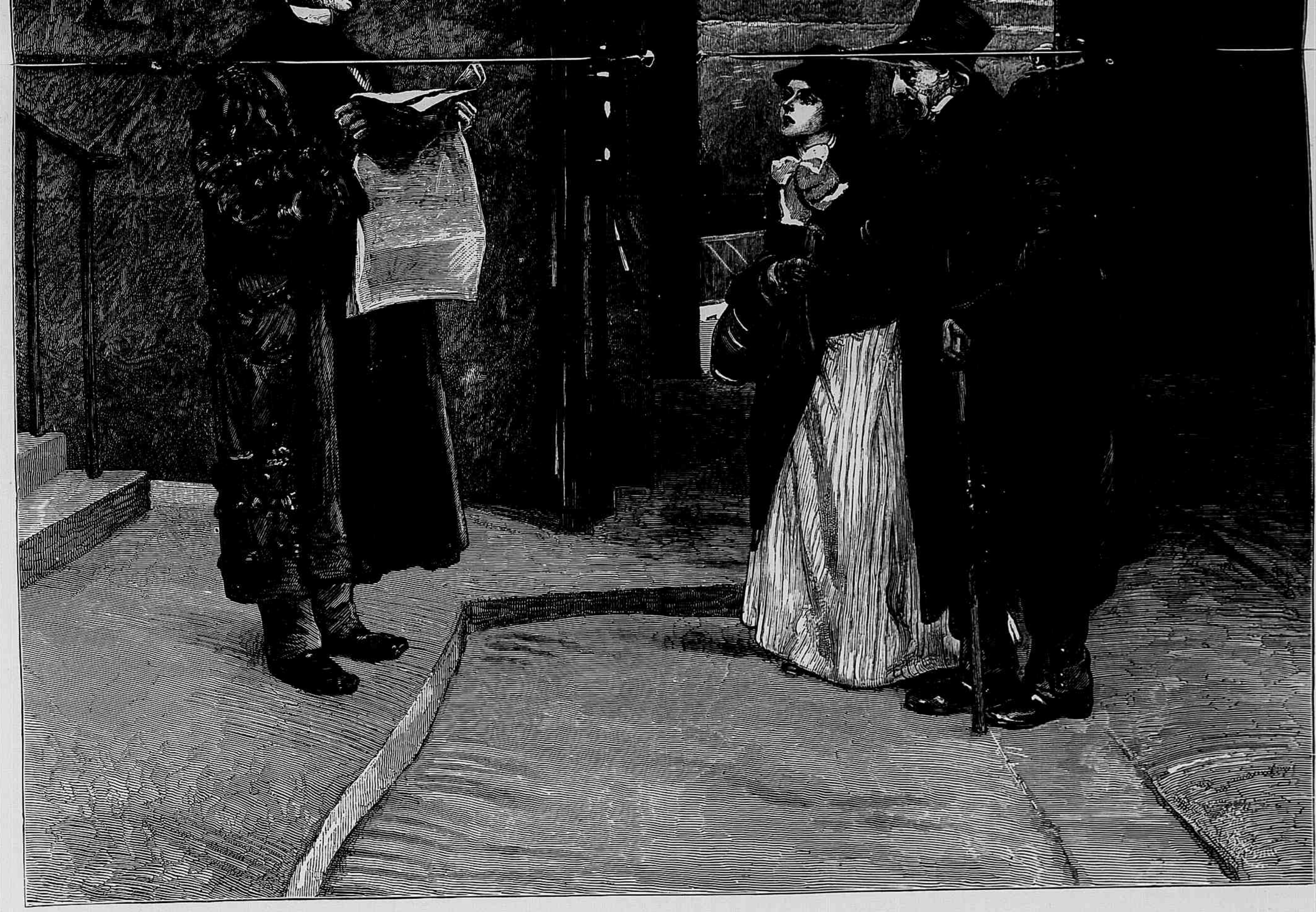
— Ainda não encontrei um homem que me comprehendesse.

Essas são todas incomprehensiveis, desde a mãe Eva até á Maria da Fonte.

Deixemos de parte os homens que descobrem alguma coisa, quer seja a India, quer seja a agua circassiana.

Occupemo-nos dos que não vão á historia e só se descobrem a si mesmos quando se despem. É com estes que eu me quero, creaturas d'originalidade latente, desfarçadas em insignificantes.


BANK OF ENGLAND



INSCRIPÇÕES DE TREZ POR CENTO (No Banco d'Inglaterra)

Quadro de P. H. Calderon

*
* *

Por exemplo, o major Polycarpo, militar reformado pelo molde de todos os outros que disseram adeus ás armas.

Bigode farto e branco com um crescentesinho de cada lado, pelo theoria dos creditos supplementares, em forma de sanefa á bocca; amarellado no centro pelo fumo de cigarro. Chapéo que atravessa impassivel todas as modas, como pyramide que assiste sobraceira ao prepassar das gerações. Sobrecazaca azul com botões amarellos, derradeira reliquia d'uma vida de gloria. Gravata d'espartilho que serve de pedestal á cabeça. Na mão uma bengala grossa, alta e pezada, symbolo da paz n'aquella mão que manejou o sabre.

Que tem Polycarpo d'original? Vejo-o, observo-o, e francamente, não lhe encontro assumpto para uma noticia diversa.

Quando muito poderá dizer-se d'elle, quando desça á sepultura:

N'esta lugubre morada
Da gloria um bravo repousa;
Lavre-lhe mão dedicada
Uma espada sobre a lousa,
Porque tem cópos a espada.

*
* *

Quando eu ia á escola já o encontrava no Rocio e no Passeio Publico. Se entrava no Freitas ás onze da manhã já lá o via devorando os jornaes, ou discutindo politica com o administrador. Fizeram um passeio no atterro e Polycarpo não foi para ali; pozeram bancos no Rocio e foi o primeiro a estreal-os. Vinte e cinco annos se passaram e por ahi o encontramos, sem alteração sensivel no aspecto; a gravata conserva a mesma rigidez de principios de tempos mais severos; só o chapéo parece maior, não creio que tenha crescido.

Cansa-se a gente de o vêr, até que nos fica representado na memoria como a egreja da Guia.

Quem se sentar perto d'este homem no café, ás horas do calor ouvirá do bom. O calor faz desafogar os majores reformados. Elle dirá:

— Se teem governo constitucional a mim m'o devem. Não foi o Duque de Saldanha, nem nenhum duque... fui eu! As ballas choviam sobre nós, os soldados tremiam, os generaes estavam da côr do limão. Veio a ordem de retirar e eu gritei — retirar é fugir, para a frente é que é o caminho. E fomos e ganhámos. A minha força era de quatro homens; a do inimigo, nem eu sei, eu só vi cadaveres. A esta victoria seguiram-se outras, depois ninguem fallou de mim, e sou major reformado. Pois se os senhores generaes comem pão alvo a mim m'o devem. Ai se todos fôssem como eu!

E aqui está o bom do Polycarpo que nos sáe um homem extraordinario.

*
* *

Penetrae na consciencia de cada um, e ahi encontrareis um germen de celebridade que ficará por estudar. Ás vezes começa a relevar-se entre os coeiros a originalidade d'estes entes extraordinarios. Socrates no berço, já os paes lhe descobrem uns olhares profundos que hão de devassar futuros. Mais tarde ensaiando os primeiros passos revelam rasgos heroicos que assombram os progenitores. Na escola chega a dar quináu aos mestres. Noticiarista por vocação, faz-se sacerdote na imprensa, aquilata as velhas celebridades, e apeia-as dos pedestaes caducos. Traductor d'uma comedia desafia os séculos por entre os bastidores do Salitre. Se chega a amar uma comparsa, faz uma figa á memoria do Dante.

*
* *

— Amarás o teu semelhante como a ti proprio — disse Christo.

Ora o homem não acha na terra um semelhante e contenta-se com se amar a si só.

Eis aqui como se póde ser um bom christão e um chapado egoista.

Barão de Roussado.

Bordéos, 12 de Julho de 1877.

NO BANCO D'INGLATERRA

—

Este veneravel ancião joga muito em fundos publicos. Não digo bem, jogou nos seus tempos. Ja se vê que não jogava nem nos « turcos, » nem nos « hespanhoes, » nem em coisa que o valha. Applicava os seus cuidados a coisas mais sérias e sólidas. Se assim não fôsse não se acharia na posição prospera em que está. Hoje o que possue é muitas inscripções de trez por cento inglezas. É o que os inglezes chamam *fundholder*, e nós, homem que vive das suas rendas.

Ha alguns annos a esta parte, o Banco d'Inglaterra decedio pagar os dividendos pelo correio, ás pessoas que assim o requerem. Poucas, porém, se teem approveitado d'este privilegio. Preferem vir pessoalmente receber os seus dividendos, duas vezes por anno: nos primeiros dias de Abril e de Outubro.

O nosso homem é d'este numero. D'esta vez vem accompanhado pela netinha, menina muito nova e encantadora, trajando á moda do avô para o não contrariar. O pobre velho perdeu o tino, não sabe para que lado ha de ir. A sympathica menina ainda menos. Infelizmente esta parte do Banco é pouco frequentada. A quem perguntar? E verdade que está alli aquelle empregado. Mas quem se ha de atrever a fallar-lhe? Tem um ar tão severo, está tão ricamente vestido, tão soberbamente agaloado, que a pobre pequena não ousa. De mais a mais o homem agaloado, o filho de Mammon, *o symbolo do dinheiro*, está engolfado na leitura d'um jornal, do *Times* talvez. Emfim não ha remedio, é preciso tomar uma resolução.

O JUDAS

—

Judas — segundo o meu juizo — não é um malvado na accepção sanguinaria e tragica d'esta palavra. Judas é apenas um conservador corrupto, assim como Pilatos era um governador civil auctoritario, ordeiro e zeloso.

Na perseguição, no martyrio e na condemnação de Jesus, Poncio Pilatos representa a tyrannia da ordem, Judas Iscariote representa o egoismo do dinheiro. Um e outro são eternos como os males que symbolisam.

Em toda a parte e em todo o tempo, sempre que o conflicto da revolução e do poder constituido ameaça a sociedade com a destruição do *statu quo*, Judas resurge para denunciar, Pilatos revive para mandar prender.

Entre os apostolos Judas com a sua bolsa é a personalisação symbolica e pacifica do capital antes de se tornar o mixto odioso da venalidade e da traição. No grande quadro de Leonardo de Vinci a attitude encurvada e adunca d'esta figura, a sua mão ganchosa, o seu olhar sobresaltado e medroso indicam bem o caracter da sua intervenção no cenaculo, a natureza fatal do seu papel no seio da conspiração divina pela liberdade do homem. Sente-se bem que elle teve a livida previsão de perigo eminente. Se o que ali se diz se ouvisse na rua! se viesse a passar a patrulha! se a policia entrasse! se os capturassem a todos — aos outros com o seu arrojado e perigoso ideal, a elle com o seu precioso e querido dinheiro!

Jesus lê-lhe os pensamentos, na pallidez das faces, na tremura dos labios, na contracção nervosa das mãos e exclama com a doçura dos profundos e justificados desdens: — *Um de vós ha de trahir-me.* Ao que Judas replica: — *Serei eu?* E Jesus responde-lhe: — *Tu o disseste.*

Elle não podia, effectivamente, deixar de trahir. Elle acreditava na ordem constituida, e não acreditava na missão redemptora do seu mestre. Elle amava as auctoridades mantenedoras da paz, dos direitos adquiridos, e dos interesses inalienaveis dos cidadãos, e detestava os sacrificios da evangelisação de uma nova doutrina que, embora desse ao genero humano a justiça, nada lhe promettia de bom, a elle pessoalmente, senão a perspectiva da perseguição e do patibulo. Era uma natureza mesquinha, incapaz do sacrificio, inaccessivel ao ideal. Na ceia com Martha e com Lazaro em Bethania, quando Maria unge com nardo os pés de Jesus e rojada no chão lh'os enxuga envolvendo-os nos seus longos cabellos, Judas, que assiste ao banquete, não comprehende a doce poesia d'esse preito, faz a conta ao preço do perfume dispendido na uncção, e acha mais practico que esse dinheiro fôsse aproveitado em esmolas dando-lh'o a elle para se distribuir aos pobres.

Asim o que para os outros era a traição, para elle, segundo o seu criterio, era quasi o dever. Os padres davam-lhe trinta dinheiros. — Para que? Para denunciar aquelle em que a segurança publica não via senão um violador das leis e um perturbador da ordem. Denunciando-o, o que elle vinha a ser verdadeiramente era um servidor zeloso do Estado com uma gratificação de trinta dinheiros pelo orçamento da policia. Foi levado por essas intenções, que muita gente em casos analogos ainda hoje julgaria puras, que Judas no jardim das Oliveiras pousou na face de Jesus o beijo que devia servir de signal para que o prendessem.

A prova de que o caracter de Judas não era o de um facinora está no seu remorso. Sabendo ao outro dia que Jesus, contra a sua expectativa fôra cruelmente condemnado á morte, elle desdiz perante os juizes o depoimento que fizera na vespera, e, não podendo remediar o mal de que fôra causa, lança no templo o preço da denuncia, e castiga-se a si mesmo enforcando-se.

O povo portuguez, queimando o Judas em effigie em todos os sabbados de alleluia, levando a sua fidelidade a este uso até o ponto de celebrar essa ceremonia ainda longe do paiz, na America, na Africa, nos portos onde estão ancoradas embarcações portuguezas, revela uma sagacidade notavel. Ha homens muito mais perversos do que Judas, mas não os ha mais perigosos. Os verdadeiros malvados são sempre punidos pelas leis; os Judas são muitas vezes galardoados por ellas. A queima dos Judas é revindicação popular da justiça.

Ramalho Ortigão.

PALESTRAS SCIENTIFICAS

—

As plantas são sensiveis? — Sentem e soffrem? — Um caso de duplicação da vida.

Quando vemos um homem abater uma arvore, quando o vemos com o machado dar golpes repetidos n'um carvalho cheio de vida, esse homem,

produz-nos o effeito d'um magarefe esfaqueando um animal. Dá-nos cuidado a sorte da pobre arvore assim ferida por tantos golpes, e perguntamos sem sabermos se temos rasão para isso, se ella soffre com os tratos por que está passando, e se por acaso não solta algum queixume que não possa reprimir. Terão os vegetaes uma sensibilidade analoga ou semelhante á nossa?...

Esse sentimento de compaixão que experimentamos não é justificado: o prazer e a dôr são desconhecidos das plantas, e os proprios animaes nem todos sentem no mesmo gráo. O prazer e a dôr podem ser mais ou menos vivos para um mesmo animal; só o homem póde senti-los em todos os gráos d'intensidade, desde a impressão mais vaga até á mais aguda.

No entretanto, debaixo do ponto de vista da physiologia, ha uma sensibilidade geral que pertence a tudo o que tem vida; mas que differe essencialmente da propriedade que tem a materia nervosa em virtude da qual nós percebemos as impressões externas ou internas, ou por outra da propria percepção. É para sentir que se não tenha dado um nome a esta nova coisa e que se tenha preferido desviar uma palavra do sentido ordinario. Assim temos a palavra *sensibilidade* empregada nos dois sentidos, o que produz, não raro, uma grande confusão. Seja como fôr, dizemos que todo o ente que vive, ou por outra que toda a substancia viva é sensivel, se se entender por sensibilidade *as modificações produzidas nos seres vivos pelo que se chama estimulantes*; a humidade, o calor, a electricidade, o som, a luz produzem modificações na natureza viva ou, se preferem assim, a materia viva reage sob a influencia dos estimulantes; é esta reacção que constitue para os physiologistas a sensibilidade geral commum ás plantas e aos animaes.

Vae longe, como acabamos de ver, da significação ordinaria á nova significação da palavra sensibilidade. O ponto de partida, a primeira phase, é a mesma para todos os seres vivos, desde o mais humilde vegetal até ao homem. São modificações da materia viva, produzidas pelas vibrações luminosas, caloricas, sonoras, ou pelos phenomenos da nutrição. Para a planta, tudo se limita a isto; para o animal, existe uma segunda phase, é a modificação produzida como consequencia ou pela continuidade sobre o cerebro. D'ahi a percepção da dôr, que não existe absolutamente na planta. O animal sente e percebe a dôr, soffre; a planta *sente*, mas não tem percepção da dôr, não soffre.

Ultimamente, o professor Azam traçou n'um estudo profundo a historia d'uma hystérica nascida em Bordéos em 1843, a qual, desde a idade dos quatorze annos appresenta, com certas variantes caracteristicas, o phenomeno da duplicação da vida [1].

No começo, sem causa apparente, Félida X... sentia de repente uma dôr viva nas fontes; via-se pender-lhe a cabeça sobre o peito; parecia dormir, mas d'um somno especial, pois não havia abalo, nem picada que a accordassem. Passados alguns minutos desperta, mas não no mesmo estado intellectual: estava triste, como que desanimada; está alegre, a vivacidade chega á turbulencia; já não é a mesma. Lembra-se muito bem do que se passou antes d'entrar n'esta nova existencia; n'este segundo periodo, tem as faculdades evidentemente sobre-excitadas. Algumas horas depois, a alegria de Félida desapparece; adormece outra vez para accordar alguns minutos mais tarde e tornar a entrar na primeira existencia. Era assim que se passavam as coisas em 1860.

Se a memoria do passado é completa durante a segunda existencia, pelo contrario, é inteiramente abolida quando o individuo torna ao seu estado primitivo. O Sr. Azam cita provas incontestaveis d'essa suppressão absoluta da memoria ou amnesia, a contar da volta á primeira existencia. O effeito é brusco; dentro d'alguns instantes a lembrança do que se passou desapparece.

Desde 1860, a duração da segunda existencia que era relativamente curta no principio tem, sem cessar, augmentado; tornou-se igual á vida normal; depois excedeu-a até chegar gradualmente ao estado actual. Em 1876 deu-se uma inversão completa das duas existencias. É a segunda a que preenche quasi completamente a vida de Félida X..., que tem hoje trinta e quatro annos: á antiga tristeza succedeu a alegria; modificou-se-lhe o génio durante todo o segundo periodo. A passagem d'uma existencia á outra é agora quasi instantanea e succede sem crise. Não se differença o estado normal do segundo periodo senão pela mudança brusca do génio do individuo; torna-se irrascivel, quasi má, e excessivamente triste. É facil d'explicar essa tristeza quando se attender á observação que faz o Sr. Azam, de que o individuo se acha em presença de lacunas na sua existencia, que o molestam immensamente. Ignora tudo o que se passou na sua segunda existencia; instantaneamente encontra-se com uma situação passada ha uns poucos de mezes. Está atrazada d'umas poucas de semanas; não está ao facto, e é-lhe preciso fazer prodigios de perspicacia e attenção para reconstituir a sua existencia durante un espaço de tempo mais ou menos longo. Este trabalho intellectual não é divertido, e esta vida cheia de lacunas deve ser intoleravel. Que caso tão singular! Viver como que n'um estado de somnambulismo durante mezes inteiros, accordar periodicamente e ver-se na necessidade de pedir que lhe contem os acontecimentos passados n'esse intervallo!

Um dia, Félida chega a casa n'uma carruagem vindo do enterro d'uma amiga sua; estava no segundo periodo, que é hoje o seu estado habitual; sente chegar o entorpecimento; fecha os olhos durante alguns segundos e accorda na primeira existencia, isto é sem se lembrar nem ter noções do que se passou. Por quem é esse luto? Acostumada a taes situações, poz-se ao facto do passado por meio de questões engenhosas, sem que ninguem soubesse o que se tinha passado. Ás vezes passa, durante o somno, d'uma existencia á outra, e por consequencia, não se lembra já dos factos da vespera. Encontra-se um dia de luto sem saber porquê; na vespera tinha-lhe morrido a cunhada; outra vez, está em *toilette* de ceremonia desde pela manhã, e fica muito admirada de se ver assim; era dia da primeira communhão dos seus filhos; e, passando d'um estado para o outro, esqueceu tudo.

O Sr, Azam conta que vio uma vez um cão aos pés d'ella; não sabia a quem pertencia o animal; pois estava em casa havia semanas. O cão estava alli desde a sua ultima mudança d'estado, e, naturalmente, todo esse periodo de existencia não contando para ella como acontecido, o cão tornára-se-lhe bruscamente desconhecido.

As duas existencias são perfeitamente distinctas em Félida X..., como nos casos já bem conhecidos da duplicação da consciencia. Todavia, póde-se inferir dos exemplos publicados, que em cada mudança d'estado havia abolição completa da memoria. Aqui, pelo contrario, n'uma das existencias, o individuo conserva a lembrança perfeita da sua outra vida; ha lucidez n'um dos casos. Félida não tem consciencia de ser uma outra pessoa quando muda de existencia. Differe completamente, debaixo d'este ponto de vista, dos typos conhecidos. Por isso o doutor Azam pergunta-se a si proprio se tem diante de si um caso de vida duplicada, como o definido assim por Littré: « Estado no qual o doente ou bem possue a sensação de que é duplicado, ou bem, sem ter conhecimento da duplicação, tem duas existencias que se não lembram uma da outra, e que se ignoram respectivamente. » Evidentemente Félida não tem essa sensação, e o Sr. Azam conclue d'ahi que, talvez não haja senão apparencia de vida duplicada; a illusão provem de que, esquecendo o que se passou durante o estado de crise, ella parecia assim ter duas existencias, quando na realidade não é outra coisa mais do que uma simples ausencia de lembrança, ou amnesia periodica. O sabio professor da Faculdade de Bordéos funda a sua maneira de ver em varias razões plausiveis. Inclinamo-nos porem a crer, por motivos que seria demasiado longo desenvolver aqui, que a definição de Littré carece d'extensão, e que o Sr. Azam tem diante de si um caso de duplicação da vida.

Seja como fôr, ou abolição periodica da memoria ou perversão nas sensações, a causa é a mesma; tem por origem uma modificação da affluencia do sangue no encéphalo. O sentimento popular serve-se d'uma expressão exacta quando diz de qualquer: « Tem o cerebro bem equilibrado, as faculdades estão em equilibrio. » Um cerebro são póde-se comparar a uma orchestra bem affinada. Se um ou varios instrumentos desaffinam, a execução d'uma symphonia torna-se inintelligivel. Pela mesma fórma, se a circulação do sangue é estorvado nos canaes encephalicos, os varios centros sensitivos deixam de vibrar com cadencia; as impressões não são do mesmo tom, as sensações desaffinam. O individuo consciente vive no meio d'um mundo de percepções novas, e a sua individualidade é modificada a ponto que deixa de conhecer-se a si proprio.

Bastam algumas gotas de sangue de mais ou de menos para fazer brotar as mais brilhantes qualidades ou para as extinguir com a mesma facilidade. Um excesso d'actividade sanguinea desenvolve instantaneamente n'um individuo qualidades intellectuaes superiores; mais um leve accrescimo, terá por effeito o desapparecimento completo d'essas faculdades.

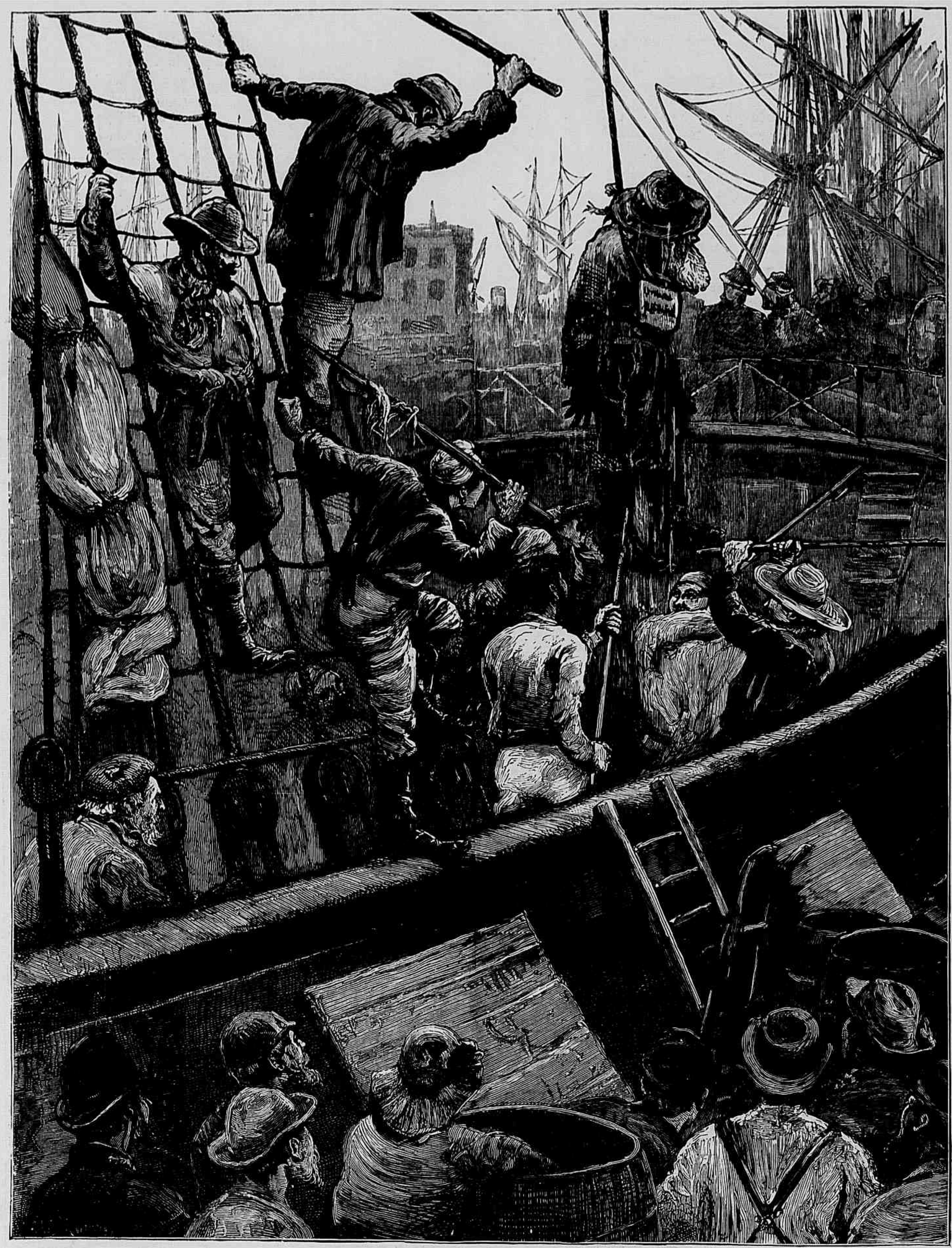
Bem vêem, com bem pouco se ataca o homem nos seus attributos mais preciosos e elevados. Tem-se dito bastantes vezes com razão: « Não ha duas coisas que estejam tão perto uma da outra, como o génio da loucura. »

[1] *Revista scientifica de França e do estrangeiro.* — Amnesia periodica ou duplicação da vida, pelo Sr. Azam.

OS COMMANDANTES EM CHEFE

O Grão-Duque Nicolau Nicolaievitch, commandante em chefe das forças russas, é o irmão mais novo do Czar. Era commandante das tropas de districto militar de S. Petersburgo, emquanto o exercito russo não foi mobilisado. Nada sabemos ácerca dos seus conhecimentos militares, pois durante a guerra da Crimea tinha apenas vinte e dois annos de idade, tendo nascido em 1831, e durande o principio da guerra actual esteve entre a morte e a vida em consequencia d'um attaque de febre typhoide. Casou-se, em 1854, com Alexandra, filha do principe Pedro d'Oldenburgo, e tem dois filhos, o mais velho dos quaes, Nicolau, de vinte e dois annos de idade, accompanha-o na guerra contra os turcos.

Abd-ul-Kerim Pacha, generalissimo do exercito turco, distinguio-se bastante na sua affortunada campanha con-



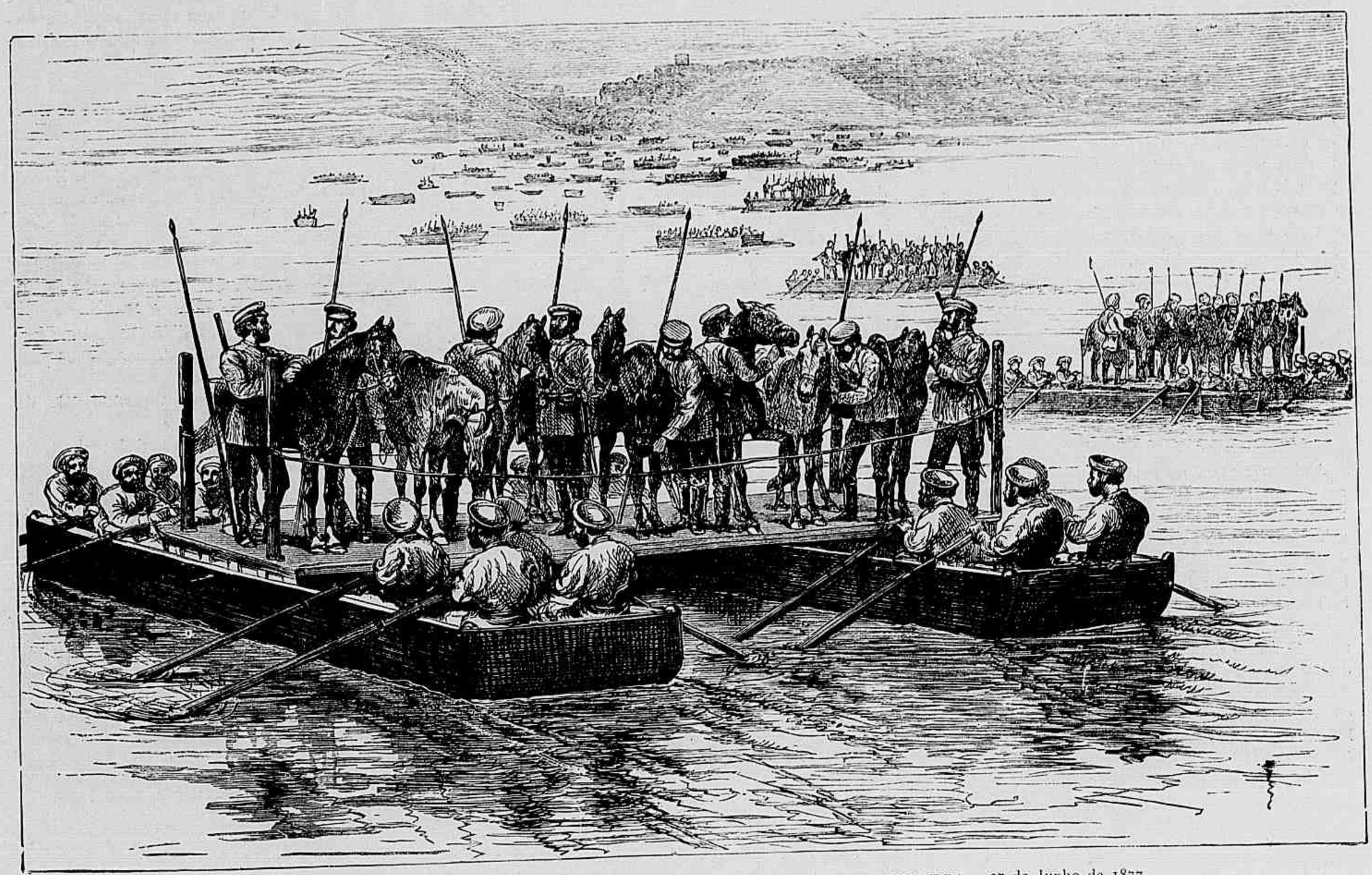
O JUDAS DE SABBADO D'ALLELUIA

SCENA PASSADA A BORDO DE UM NAVIO INGLEZ NAS DOCKAS DE LONDRES

NICOLAU NICOLAIEVITCH. Commandante em Chefe do exercito russo.

ABD-UL-KERIM. Commandante em Chefe do exercito turco.

GUERRA DO ORIENTE



COSSACOS DO DON ATRAVESSANDO O DANUBIO EM FRENTE DE SIMNITZA, 27 de Junho de 1877.

tra os Serbos. Não obstante, duvida-se, se esses creditos são devidos á energia dos generaes que serviam debaixo das suas ordens, ou a elle, pois raro apparecia no campo, conservando-se quasi sempre no quartel general em Nisch, em quanto lhe não abriram caminho para Djunis, e d'ahi para Alexinatz. Abd-ul-Kerim, como muitos dos generaes turcos foi educado na Europa, tendo estudado em Vienna d'Austria debaixo das ordens do general Hauslab.

Á hora em que escrevemos estas linhas, Abd-ul-Kerim deixou de ser commandante das tropas turcas. Se apezar d'estar demittido insistimos em appresentar o seu retrato aos nossos leitores, é por nos parecer que merece todo o interesse a physionomia do homem que abriu a campanha contra os russos, e que é alem d'isso o typo perfeito d'um commandante turco. Corpolento, dado aos prazeres gastronomicos, agradavel nas suas maneiras, ainda que um pouco taciturno, excepto quando se tracta de comidas e bebidas, tal é o homem que acaba de ser disgraciado pelo seu amo e senhor o sultão da Turquia.

O retrato de Grão Duque é copiado d'uma photographia de Bergamasco de S. Petersburgo, e o do general turco copiado tambem d'uma outra tirada pelos irmãos Abdullah de Constantinopla.

COSSACOS DO DON

ATRAVESSANDO O DANUBIO

—

O maior acontecimento da actual campanha foi, sem duvida, a passagem do Danubio em Simnitza pelas tropas russas debaixo do commando do Grão-Duque Nicolau. Previamente e com o fim de illudir os turcos com respeito ao verdadeiro sitio em que desejavam atravessar, os russos bombardearam vigorosamente em Nikopolis de um lado e Rutschuk do outro. Depois chamaram a attenção dos turcos, simulando uma passagem em frente de Turnu Magarelli, onde a presença do proprio Czar dava uma certa apparencia d'importancia ao movimento, desviando assim a attenção de sitio em que realmente intentaram passar, e que fica um pouco mais abaixo no mesmo rio. Os russos atravessaram a final de Simnitza para Sistova que fica quasi em frente. Primeiro passou a infanteria, depois os cossacos com os seu cavallos, e por fim a artilheria apezar da metralha turca, com a qual, conseguiram afundar alguns barcos. De repente avistaram um monitor turco que se approximava com toda a força de Sistova, e é fóra de duvida que teria causado um damno immenso se de repente não tivesse virado de bordo. Ignora-se a causa d'este reviramento, mas suppõe-se que foi o receio de encontrarem algum torpedo. O Grão-Duque passou tambem ao caír da tarde. Aindaque os russos perderam perto de 1,000 homens entre mortos e feridos, comtudo esperavam perder muitos mais, attendendo a que os botes em que atravessavam constituiam um alvo bem distincto, não o sendo menos o das columnas de soldados atravessando o terreno pantanoso da margem turca.

REVISTA BIBLIOGRAPHICA

—

Abrimos a nossa revista bibliographica, dando conta aos nossos leitores da publicação litteraria mais importante, que tem nos ultimos annos apparecido em Portugal. É um livro do sr. Latino Coelho, secretario da Academia das Sciencias de Lisboa, publicado no ultimo volume das Memorias da mesma Academia, e impresso tambem em edição separada de alguns centos de exemplares.

Contem o livro a versão da *Oração da Coroa* de Demosthenes feito sobre o original grego pelo illustre academico, e um *Estudo sobre a civilisação grega*, servindo-lhe de *Introducção*. É esta *Introducção* que constitue o verdadeiro livro, que é a nosso vêr o melhor titulo de gloria litteraria do illustre academico. Póde dizer-se que em Portugal nunca se fizera um estudo mais scientifico, nem mais completo sobre o periodo mais brilhante da historia antiga; e na nossa visinha Hespanha não nos consta que apparecesse ainda sobre o assumpto trabalho de igual valor.

Todos os elementos constitutivos da civilisação são definidos e apreciados nas tresentas paginas do livro na medida da sua significação, e na ordem da sua respectiva importancia, e das suas reciprocas relações.

A religião, a philosophia, a sciencia, a arte, e a politica dos gregos desenvolvem-se na exposição deductiva e critica do distincto escriptor com um rigoroso methodo, e com a segurança firme de quem possue plenamente o assumpto. O estudo sobre a philosophia grega é especialmente notavel.

Se este livro não vem fazer progredir os estudos sobre o hellenismo concluidos nas nações mais adiantadas, se não accrescenta novos descobrimentos ás investigações dos sabios estrangeiros, não revela menos comtudo a profunda comprehensão desses estudos, e é como uma synthese brilhante dos trabalhos modernos sobre o mundo grego. A erudição, a elegancia do estylo, e o esmero da phrase são qualidades sobejamente apreciadas no illustre academico, para que tenhamos necessidade de accrescentar novos encomios a merecimentos, que são realçados por mais solidos e valiosos attributos.

Parnaso Portuguez Moderno, por Theophilo Braga.

É este o titulo de uma especie de selecta da moderna poesia portugueza, recentemente publicada pelo distincto professor de Litteratura no Curso superior de Lettras, e precedida de um estudo sobre a Litteratura Portugueza.

Não nos pareceu, percorrendo o livro, que fôsse sempre acertada a escolha dos trechos de poesia, preferidos pelo distincto professor, e colhidos d'entre os poetas portuguezes nossos contemporaneos. Esses trechos nem são muitas vezes as melhores composições dos escriptores incluidos no *Parnaso*, nem representam outras vezes a principal feição poetica ou as mais definidas tendencias do poeta reproduzido. É innegavel porém a utilidade deste trabalho de selecção, que tem por fim vulgarisar a leitura dos nossos melhores escriptores modernos.

Recordações Litterarias, por Soares Romeo Junior, 1 vol. Porto, 1877.

Como indica o titulo, é um livro de litteratura amena, com que se estreia o novo escriptor.

Michelet, por Theophilo Braga.

É uma conferencia tendo por assumpto a personalidade litteraria e moral do illustre author da Historia de França e da Historia da Revolução.

Este discurso proferido pelo sr. Theophilo Braga em uma associação litteraria, foi ultimamente publicado n'um pequeno folheto.

Traços geraes da philosophia positiva, comprovados pelas descobertas scientificas modernas, por Theophilo Braga.

Publicou-se o primeiro fasciculo deste novo trabalho do erudito escriptor.

As Magistraturas Populares, pelo Dr. Luiz Jardim.

A competencia do author desta obra, antigo professor de direito na Universidade de Coimbra, é só por si um titulo de recommendação.

A obra sae em fasciculos, dos quaes o primeiro já publicado trata dos *Juizes Ordinarios*.

Conferencias celebradas na Academia Real das Sciencias de Lisboa ácera dos descobrimentos e colonisações dos Portugueses na Africa.

PRIMEIRA CONFERENCIA. — *A Escola de Sagres, e as Tradições do Infante D. Henrique*, pelo Marquez de Sousa Holstein.

SEGUNDA CONFERENCIA. — *Descobrimentos dos Portugueses na Africa*, por Pinheiro Chagas.

Estão já publicadas as duas conferencias, a cuja leitura assistio um publico numeroso e illustrado na sala da bibliotheca da Academia. É o primeiro conferente, como todos sabem um erudito investigador de antiguidades historicas. Os resultados desses estudos pacientes são expostos por uma maneira agradavel que lhes concilia a attenção dos ouvintes e dos leitores.

O segundo conferente um dos nossos escriptores mais fecundos, estylista elegante, espirito eminentemente litterario, possue todas as qualidades brilhantes para dar relevo ao assumpto, e para colorir vivamente os seus quadros.

As duas conferencias publicadas participam naturalmente das qualidades mais caracteristicas dos doutos membros da Academia que as assignam.

Historia de Portugal, 1º vol, por Antonio Ennes.

Está quasi concluida a publicação do primeiro volume desta obra que tem sido publicada em fasciculos, e que é ornada de gravuras, devidas ao lapis de Manuel de Macedo. A empreza litteraria que faz a publicação, confiou a redacção deste 1º volume á penna já illustre de Antonio Ennes.

Este nome basta para abonar a seriedade conscienciosa, e o esmero litterario do livro de que damos conta.

João TEDESCHI.

VARIEDADES

—

VENDA D'UMA MULHER EM INGLATERRA. — Percorrendo uma collecção de jornaes encontrámos no numero do jornal *Courrier du Pas-de-Calais*, com data du 2 de maio de 1832, a seguinte historia:

Sabbado 7 do corrente, a cidade de Carlisle (Inglaterra), foi testemunha da venda d'uma mulher pelo seu marido, José Thomson, residente n'uma aldeia proxima. A mulher, com quem havia casado em 1829, tem aproximadamente 22 annos; é esperta, allegre, bonita, e não parecia de modo algum contrariada pela troca que se ía fazer de commun accordo. A venda commeçou ao meio-dia, depois do progoeiro ter percorrido o mercado annunciando-a, o que attrahio uma multidão immensa áquelle sitio. A mulher, com uma corda de palha ao pescoço, subiu para um estrado, cercada pelos seus amigos; o marido collocou-se ao seu lado, e entabolou a venda pelo seguinte discurso:

« Meus senhores, annunciei a venda de minha mulher Maria Anna Thomson, aliás Williamson, que tenciono ceder a quem mais offerecer e mais dér. Meus senhores, o nosso desejo, tanto o d'ella como o meu, é de nos separarmos para sempre. Esta mulher sempre foi para mim uma cobra no meu seio. Tomei-a para meu *conforto* e para bem da minha casa; porem tornou-se o meu verdugo, uma maldição domestica, uma *invasão nocturna e um demonio quotidiano*.

« Meus senhores, digo-o do mais profundo do meu coração. Deus nos livre de mulheres regateiras e de viuvas *intrujonas!* Tenham cuidado com ellas como teriam com um cão damnado, com um leão furioso, com uma pistola carregada, com o cholera-morbus, com o monte Etna ou com qualquer outro phenomeno pestífero da natureza.

« Agora que já lhes indiquei o lado máo de minha mulher, que já lhes mostrei as suas faltas e fraquezas, vou-lhes appresentar o seu lado brilhante, explicar-lhes as suas boas qualidades. É capaz de ler romances e mugir o leite das vaccas; é capaz de rir e dê chorar com a mesma facilidade com que os senhores tomam um copo d'agua quando faz calor; faz-me lembrar o que um poeta diz das mulheres em geral:

« O céo deo ás mulheres o dom particular de rir, « chorar e enganar a raça humana. »

Sabe fazer manteiga e ralhar com a criada; sabe cantar as melodias de Moore, e encanudar os cabeções e toucas; não sabe fazer rhom, genebra nem agua-ardente, mas é muito capaz de julgar das suas qualidades em virtude da grande experiencia que tem d'essas bebidas. Offereço-a pois com todos estes defeitos e predicados pela módica quantia de duas libras e meia. »

Ao cabo de uma hora ou duas, a mulher foi comprada por Henri Mears, rendeiro, por *uma libra* e um *cão* da *Terra-Nova*. O ditoso par partio immediatamente da cidade no meio dos vivas do populacho. Quanto a Thomson, com o melhor humor do mundo, pôz ao pescoço do cão a corda que tinha servido para atar a mulher, e foi passar o resto do dia n'um armazem de bebidas.

Propriétaire-Gérant: SALOMON SARAGGA.

Paris. — Typ. Ch. Unsinger, 83, rue du Bac

Papel da Casa Mac Murray, de Londres.

VIAGENS MARAVILHOSAS

AOS MUNDOS CONHECIDOS E DESCONHECIDOS

POR

JULIO VERNE

VERSÃO PORTUGUEZA ILLUSTRADA

DA TERRA Á LUA

reis

1 vol. com 43 grav. (2ª edição) brochado. 900

Á RODA DA LUA

1 vol. com 44 grav. (2ª edição) brochado. 900

A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS

1 vol. com 58 grav. brochado. 1.000

AVENTURAS DO CAPITÃO HATTERAS

1.ª parte, Os Inglezes no Polo Norte, 1 vol. com 135 grav. br. . 1.100
2.ª parte, O Deserto de Gelo, 1 vol. com 135 grav. brochado. . . 1.100

CINCO SEMANAS EM BALÃO

1 vol. com 76 grav. brochado 1.100

AVENTURAS DE 3 RUSSOS E 3 INGLEZES

1 vol. com 54 grav. brochado. 900

OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT

1.ª parte, America do Sul, 1 vol. com 72 grav. brochado. 1.100
2.ª parte, Australia Meridional, 1 vol. com 54 grav. brochado. . 1.100
3.ª parte, Oceano Pacifico, 1 vol. com 48 grav. brochado. 1.100

VIAGEM AO CENTRO DA TERRA

reis

1 vol. com 55 grav. 1.000

VINTE MIL LEGUAS SUBMARINAS

1.ª parte, O homem das aguas, 1 vol. com 54 grav. brochado . . . 1.000
2.ª parte, O fundo do mar, 1 vol. com 60 grav. brochado. 1.100

A ILHA MYSTERIOSA

1.ª parte, Os naufragos do ar, 1 vol. com 52 grav. brochado. . . 1.100
2.ª parte, O abandonado, 1 vol. com 52 grav. brochado. 1.100
3.ª parte, O segredo da ilha, 1 vol. com 50 grav. brochado. . . . 1.100

MIGUEL STROGOFF

1.ª parte, O Correio do Czar, 1 vol. com 46 gravuras. 1.000
2.ª parte, A invasão, 1 vol. com. 46 grav. brochado. 1.000

O PAIZ DAS PELLES

1.ª parte, O eclipse de 1860, 1 vol. com 52 grav. 1.000
2.ª parte, A ilha errante, 1 vol. com 53 grav. 1.000

A CIDADE FLUCTUANTE

1 vol. com 42 grav. brochados. 1.000

AVENTURAS DE TERRA E MAR

PELO CAPITÃO MAYNE-REID

Collecção de Romances instructivos, illustrados pelos principaes Artistas francezes

O DESERTO D'AGUA

2 vol. com 24 grav. brochados. 1.000

OS NAUFRAGOS DA ILHA DE BORNÉO

2 vol. com 23 gravuras, brochados 1.000

OS PLANTADORES DA JAMAICA

2 vol. com 23 gravuras, brochados. 1.000

OS JOVENS ESCRAVOS

2 vol. com 28 gravuras, brochados. 1.000

Qualquer d'estas obras encadernada em percalina, impressa a preto e ouro fino : 1.400 reis.

Á VENDA NA EMPRESA HORAS ROMANTICAS, RUA DA ATALAYA, 42, LISBOA

DICCIONARIO

DE

GEOGRAPHIA UNIVERSAL

POR

UMA SOCIEDADE DE HOMENS DE SCIENCIA

Composto segundo os trabalhos geographicos dos melhores auctores portuguezes, brazileiros, francezes, inglezes e allemães, e de accordo com as ultimas publicações geographicas e estatisticas dos differentes paizes;

COMPREHENDENDO

TODOS OS ESCLARECIMENTOS E INFORMAÇÕES

INDISPENSAVEIS COM RELAÇÃO AO COMMERCIO, ÁS ARTES E INDUSTRIAS FABRÍS

Desenvolvido consideravelmente na parte que diz respeito a

PORTUGAL, PROVINCIAS ULTRAMARINAS E BRAZIL

PORTUGAL. — Cada fasciculo de 16 Paginas com a competente capa, 100 réis fortes (franco de porte).

Para o estrangeiro e ultramar accresce o porte do correio.

Continuam a receber-se assignaturas na Empreza Horas Romanticas. — Rua da Atalaya 42. — Lisboa.